



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO PROF DR. SERGIO JACINTHO LEONOR  
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO – ARTES VISUAIS E  
MÚSICA**

**SULENE FRANCISCO PEREIRA**

**CULTURA E TRADIÇÃO: OS SABERES E FAZERES SOBRE OS BENZIMENTOS  
NA COMUNIDADE KALUNGA VÃO DE ALMAS/CAVALCANTE - GO**

**Arraias – TO**

**2023**

**Sulene Francisco Pereira**

**Cultura e tradição: os saberes e fazeres sobre os benzimentos na Comunidade  
Kalunga Vão de Almas/Cavalcante-Go**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo – Artes Visuais e Música, da Universidade Federal do Tocantins, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Licenciada em Educação do Campo. Área: Códigos e Linguagens. Habilitação: Artes Visuais e Música.

Orientador: Prof. Dr. Gilberto Paulino de Araújo.

Arraias –TO

2023

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
(CIP)  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do  
Tocantins**

---

S949c    Pereira, Sulene Francisco.  
          Cultura e tradição: os saberes e fazeres sobre os  
          benzimentos na Comunidade Kalunga Vão de Almas/Cavalcante-  
          Go . / Sulene Francisco Pereira. - Arraias, TO, 2023.  
          41 f.  
  
          Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins  
          - Câmpus Universitário de Arraias - Curso de Educação do  
          Campo, 2023.  
          Orientador: Gilberto Paulino Araújo  
  
          1. Educação do Campo. 2. Saberes tradicionais. 3. Vão de  
          Almas. 4. Identidade. I. Título

**CDD 370.91734**

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS - A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

**Sulene Francisco Pereira**

**Cultura e tradição: os saberes e fazeres sobre os benzimentos na Comunidade  
Kalunga Vão de Almas/Cavalcante-Go**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo: Artes Visuais e Música da Universidade Federal do Tocantins/ Câmpus Universitário Professor Dr. Sérgio Jacintho Leonor, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Licenciado em Educação do Campo. Área: Códigos e Linguagens. Habilitação: Artes Visuais e Música.

Orientador: Prof. Dr. Gilberto Paulino Araújo

Data de aprovação: 15 de maio de 2023.

Banca Examinadora



Prof. Dr. Gilberto Paulino de Araújo – UFT  
Orientador

Prof. Dr. Alessandro Rezende da Silva – ISCP/DF  
Examinador

Prof. Dr. Luiz Felipe Cezar Mundim - UFT  
Examinador

Dedico esse trabalho primeiramente ao meu grande Deus criador de todo o Universo, por ouvir minhas orações e me guiar sempre para que eu andasse no caminho certo. Aos meus pais, especialmente, a minha mãe que nunca desistiu de mim e sempre me incentivou a estudar e me fazer acreditar que eu pudesse ser uma pessoa melhor. A minha filha Louise por não me fazer desistir e ser minha inspiração nas horas difíceis. Ao meu orientador Gilberto Paulino de Araújo pelos ensinamentos e paciência comigo.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao meu Deus, pelo milagre de viver a vida, pelas oportunidades que tem colocado em minhas mãos, por me manter de pé em todos os momentos da minha vida, por ter me dado força e sabedoria para concluir este curso.

Aos meus pais e ao meu padrasto Antônio pelo incentivo e apoio incondicional. Em especial, a minha mãe heroína, que me deu apoio e incentivo nas horas difíceis. Agradeço por sempre estarem presentes e me apoiarem no desenvolvimento do meu Trabalho de Conclusão de Curso, por ter contribuído com as entrevistas, sem eles, com certeza, a tarefa teria sido muito mais árdua.

A todos os meus irmãos, que com seu incentivo me fizeram chegar à conclusão do meu curso e começo de uma nova carreira.

A minha filha Louise, que me ensinou a ser mais forte e por me fazer enfrentar os desafios que a vida nos apresenta sem medo de errar.

Ao meu esposo Adenilson pela força e dedicação que sempre teve para me ajudar nessa jornada.

Ao grande mestre Valdir Fernandes pelo suporte durante o desenvolvimento dessa pesquisa.

Ao mestre Adão Fernandes da Cunha pelas orientações nas atividades no decorrer do curso.

Ao professor da Universidade de Brasília, Dr. Jair Reck, pelos ensinamentos durante o processo da minha formação.

A todos os meus professores, especialmente, ao professor Gilberto Paulino de Araújo, pelos conhecimentos passados e por nos fazer acreditar em uma educação transformadora.

A todos os meus colegas da Universidade meus sinceros agradecimentos.

*“Como negra, não quero mais ser objeto de estudo, e sim o sujeito da pesquisa”.*  
*(Djamila Ribeiro)*

## RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo descrever os saberes tradicionais presentes na tradição do benzimento, prática cotidiana e presente nos ritos religiosos dos Kalunga. O contexto do trabalho é a Comunidade Kalunga do Vão de Almas – GO. O interesse pelo estudo surgiu da reflexão sobre essa tradição, tendo em vista a vivência da pesquisadora como integrante da comunidade. A metodologia da pesquisa é de base etnográfica, servindo-se da observação, da pesquisa de campo, de entrevistas e da realização de uma oficina voltada a estudantes do ensino fundamental. A pesquisa destaca a relevância dos saberes presentes na tradição quilombola e seu papel no fortalecimento da identidade cultural local.

**Palavras-Chave:** Educação do Campo. Saberes tradicionais. Tradição. Identidade.



## **ABSTRACT**

This research aims to describe the traditional knowledge present in the tradition of blessing, a daily practice and present in the religious rites of the Kalunga. The context of the work is the Kalunga Community of Vai de Almas - GO. The interest in the study arose from reflection on this tradition, in view of the researcher's experience as a member of the community. The research methodology is based on ethnography, using observation, field research, interviews and a workshop aimed at elementary school students. The research highlights the relevance of the knowledge present in the quilombola tradition and its role in strengthening the local cultural identity.

**Keywords:** Rural Education. Traditional knowledge. Tradition. Identity.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>1.1</b>	<b>Memorial .....</b>	<b>10</b>
<b>2</b>	<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>13</b>
<b>2.1</b>	<b>Procedimentos metodológicos .....</b>	<b>13</b>
<b>2.2</b>	<b>O contexto da pesquisa: Vão de Almas .....</b>	<b>14</b>
<b>3</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>18</b>
<b>3.1</b>	<b>Educação do Campo.....</b>	<b>18</b>
<b>3.2</b>	<b>Diretrizes da Educação Escolar Quilombola.....</b>	<b>20</b>
<b>3.2.1</b>	<b>Quilombolas e quilombos.....</b>	<b>22</b>
<b>3.2.2</b>	<b>Povos e comunidade tradicionais .....</b>	<b>23</b>
<b>4</b>	<b>ANÁLISE .....</b>	<b>25</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>38</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>40</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho parte da preocupação com a preservação e valorização dos saberes tradicionais da Comunidade Kalunga, tendo como contexto o Vão de Almas. O tema diz respeito ao benzimento ou benzeção, uma prática ainda presente, mas que aos poucos tem diminuído no que diz respeito às gerações mais novas.

Sua importância se associa à identidade kalunga, dentre muitas outras tradições que têm sido preservadas ao longo dos anos (rezas, festejos, danças, modos de produção de alimento etc.) num processo histórico de existência e resistência cultural.

Os benzimentos no Vão de Almas são utilizados como uma maneira de expressar cuidado, respeito e, geralmente, na forma dos mais idosos abençoarem os mais novos, principalmente, os anciãos e as anciãs da comunidade. Além disso, o benzimento está presente em outras situações de cura, tais como: na hora do parto, para estancar o sangue quando alguém leva um corte em algum lugar do corpo, retirar quebrante e mau olhado em crianças de colo, dor de cabeça etc.

Através dos benzimentos e dos remédios caseiros a comunidade viveu muitos anos sem ter contato com hospital, pois eles já ajudaram e ajudam na manutenção da saúde das pessoas que vivem neste território. Compreendemos, assim, que preservar essa tradição seja algo de relevância para a cultura quilombola.

Atualmente na comunidade a prática dos benzimentos ainda continua, mas a percepção é de que seja em menor escala, pois esse conhecimento vem se perdendo ao longo dos anos quando nossos mestres vão partindo, sem que os saberes tenham sido registrados.

Dessa maneira, é necessário que se promova um fortalecimento e registro desse elemento da nossa cultura para que se mantenha, ou seja, continue a ser passado de geração para geração.

Diante disso, surgiu o seguinte problema de pesquisa: será que as gerações mais novas têm mantido os saberes e fazeres dos benzimentos na comunidade Kalunga do Vão de Almas?

O compartilhamento desse conhecimento é feito por meio da oralidade, geralmente no ambiente de casa e nas vivências dentro da comunidade. Ainda assim, consideramos a escola um espaço importante para dialogar sobre o assunto,

fazer o registro das tradições e o seu papel como aspecto a ser considerado pela Educação do Campo e a Educação Escolar Quilombola.

Nesse sentido, seguem os objetivos que direcionam a presente monografia:

**a) Objetivo geral:** Descrever os saberes e fazeres da tradição Kalunga presentes nos benzimentos na Comunidade Vão de Almas.

**b) Objetivos específicos:**

- ✓ Identificar os tipos de benzimentos e sua função social dentro da comunidade;
- ✓ Identificar fatores que influenciam na perda da memória oral em razão dos saberes tradicionais entre os jovens;
- ✓ Registrar as rezas de benzimentos tradicionais da comunidade Kalunga Vão de Almas;
- ✓ Articular, no contexto escolar, formas de compartilhar e dialogar sobre a importância desses saberes para as gerações mais novas.

## 1.1 Memorial

Eu tinha cinco anos de idade quando comecei a frequentar a escola, (Colégio Estadual Calunga I), situada na Comunidade Calunga Vão de Almas município de Cavalcante - GO. Segundo minha mãe, isso aconteceu porque não aguentava mais a minha reclamação querendo ir para a escola todos os dias com os meus irmãos e os meus primos e ela não deixava por conta da distância, pois era muito longe.

Sempre que eles saíam, eu ficava chorando querendo ir também. Num desses dias, ela me deixou ir e daí em diante todos os dias eu ia com eles. Na primeira série, com a maravilhosa professora Lucimária, aprendi as vogais e o abc. Foi uma alegria profunda. Assim segui aprendendo cada dia mais, sempre espertinha, fácil de aprender as coisas como dizia a professora.

Em 2005, na segunda série do ensino fundamental, um professor elegante, cheio de sabedoria e muito brincalhão chamado Reginaldo, me colocou para ler um parágrafo de uma página de um jornal, lembro como se fosse ontem, lendo aquele

jornal com umas letras tão pequenas sem errar uma palavra. Que orgulho senti de mim, aquela menina preta, dedicada e que fazia todas as tarefas de casa. Isso me dava prazer.

Quando estava frequentando a quarta série, minha mãe e o meu pai se separaram. Ela foi embora e não me levou com ela. Eu ficava chorando o tempo todo com a aquela dor no meu peito, que tristeza senti naqueles dias. As coisas se tornaram todas mais difíceis, os dias pareciam não passar.

Graças a Deus tínhamos o nosso tio Juca com a sua esposa Maria Helena. Nossa que mulher doce, amiga, carinhosa não tenho palavras para descrever quem foi ela em minha vida. Cuidava tão bem de mim, penteava meus cabelos, nos dava comida e me ajudava a lavar minhas roupas. Foi ela quem me ajudou a superar essa dor tão grande que eu estava sentindo.

Aos finais de semana íamos eu e meu irmão para casa da minha mãe ficar com ela. Era bem longe. Finalmente no 6º ano, fui morar com a minha mãe. Era a coisa que eu mais queria naquele momento. Queria estar perto dela, a saudade era tanta que só aos finais de semana não estavam sendo suficiente.

Dezembro de 2011, fui para Alto Paraíso passear na casa da minha irmã mais velha, chegando lá ela sugeriu que eu ficasse morando com ela para cuidar dos filhos delas, não concordando com a ideia, quis voltar, mas nem ela, nem minha mãe permitiu e me matriculou no Colégio Estadual Dr. Gerson Pereira.

Para mim estava parecendo um pesadelo, que nunca mais ia passar, os colegas me olhavam de um jeito estranho, parecia que eu era um bicho. Entrava na sala de aula, saía somente na hora do lanche e na hora de ir embora, sempre queria chegar bem cedo para que ninguém me visse andando ou falando, pois quando eu falava alguma coisa na sala serviria de gargalhadas para os colegas. Fazia sempre meus trabalhos sozinha, porque ninguém da turma queria fazer comigo, que vergonha eu sentia de mim mesma, nossa que triste. Mas apesar de tantos obstáculos consegui concluir o meu ensino médio.

Em 2017, ingressei na Universidade Federal do Tocantins, foi a coisa mais incrível que senti em toda minha vida, foram muitos desafios enfrentados, mas com a graça de Deus consegui vencer todos eles.

Em 2018, comecei a dar aula na minha comunidade, no Colégio Estadual Calunga I (Extensão Santo Antônio), onde estudei por três anos e consegui me

tornar professora nesta escola hoje, já colhendo os frutos da minha dedicação pelo estudo.

No ano de 2020, Deus me presenteou com uma das pessoas mais importantes da minha vida, a minha filha Louise. Esse é somente um pequeno resumo da minha trajetória de vida.

## 2 METODOLOGIA

### 2.1 Procedimentos metodológicos

A metodologia desta pesquisa consiste em uma prática de cunho etnográfico que envolve a pesquisa-ação. De acordo com Gil (2010) a pesquisa etnográfica vem sendo utilizada como um conjunto de práticas que descrevem a tradição cultural de uma comunidade tradicional mediante uma ação no campo. O mesmo autor defende a ideia de que essa relação com a pesquisa se dá especificamente com as pessoas e os seus ambientes.

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT, 2008, p. 14 apud RUFINO; DARIDO, 2010, p. 2).

É por esta razão que compreendemos a pesquisa qualitativa com a abordagem metodológica que melhor atende aos objetivos deste trabalho. Ao mesmo tempo em que o estudo ocorre no campo, propomos/realizamos uma atividade no contexto da Educação do Campo e da Educação Escolar Quilombola.

Os métodos qualitativos mostram uma abordagem diferente da investigação acadêmica do que aquela dos métodos da pesquisa quantitativa. A investigação qualitativa emprega diferentes concepções filosóficas; estratégias de investigação; e métodos de coleta, análise e interpretação dos dados. (CRESWELL, 2010, p. 206).

O autor destaca ainda que as estratégias de investigação qualitativa possui procedimentos que são nada uniformes, ou seja, a observação em campo pode revelar diversas perspectivas de acordo com o recorte dado pelo pesquisador.

Os pesquisadores qualitativos tendem a coletar dados no campo e no local em que os participantes vivenciam a questão ou problema que está sendo estudado. Eles não-levam os indivíduos para um laboratório (uma situação artificial) nem enviam instrumentos para os indivíduos preencherem. Esse fechamento das informações coletadas por meio da conversa direta com as pessoas e da observação de como elas se comportam e agem dentro de seu contexto é uma característica importante da pesquisa qualitativa. No ambiente natural, os pesquisadores têm interações face a face no decorrer do tempo. (CRESWELL, 2010, p. 208).

Para fins deste trabalho, os dados foram gerados a partir da vivência da pesquisadora em sua própria comunidade, coletando pessoalmente as informações por meio da observação direta e das entrevistas realizadas com os colaboradores da investigação.

Os colaboradores desta pesquisa são moradores do Vão de Almas, sendo estes escolhidos pelo fato de serem considerados pela própria comunidade como pessoas de maior referência ou mestres e mestras em relação aos saberes das rezas e benzimento. Foram entrevistados dois benzedores (um homem e uma mulher), que responderam às questões em suas casas.

Como um evento de relato da voz do pesquisado, a entrevista traz características relacionadas aos papéis sociais, aos direitos e deveres associados, como tradução do conhecimento empírico, dispondo dos participantes em fazer convergir sua linguagem. Como exemplo de entrevistas em que há esforço da convergência bem sucedida, destacarei, posteriormente, alguns postulados que mostram vários modos dos povos da comunidade expressar suas falas ou sua língua, (CUNHA, 2015, p. 16).

Além da entrevista, foi desenvolvida uma ação com 14 (quatorze) estudantes da turma do 9º ano da Escola Estadual Calunga I (Extensão Santo Antônio), que também se localiza no Vão de Almas. A estratégia empregada para estabelecer um diálogo com os alunos foi a roda de conversa ocorrida em outubro de 2022.

As entrevistas foram realizadas por meio da gravação feita pelo celular, tendo como base um roteiro de questões norteadoras sobre os saberes e fazeres dos benzimentos na comunidade. Os estudantes também colaboraram com seus comentários ao longo da conversa e por meio da participação na construção das perguntas ou roteiro da entrevista aplicada ao benzedor e à benzedeira.

## **2.2 O contexto da pesquisa: Vão de Almas**

Na região nordeste de Goiás, encontra-se o Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga, uma preservada região do cerrado brasileiro na qual se encontra o maior quilombo em extensão do país, sendo este resultado do processo histórico da exploração do ciclo do ouro nesta região.



Em 1722, quando Bartolomeu Bueno, o Anhanguera, e João da Silva Ortiz fecharam o ciclo bandeirante, com a ocupação das terras centrais, surgiu o Estado de Goiás, em pleno ciclo do ouro e do garimpo. Os negros utilizados como mão de obra escrava andavam cansados da submissão e dos castigos sofridos na exploração das "Minas dos Goyazes". Muitos fugiram escondendo nas matas, entre serras, em locais de difícil acesso. A partir daí é que deu início à formação do quilombo Kalunga, nos municípios de Cavalcante, Teresina e Monte Alegre (CUNHA, 2018, p. 34).

Com base nos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2012), a população Kalunga era formada por cerca de 8 mil habitantes em 2012. Na pesquisa realizada por Moreira (2019), constam dados mais atuais com a indicação de 10 mil afrodescendentes, que integram esta comunidade quilombola com diversas expressões culturais.

A população atual do quilombo Kalunga tem aproximadamente 10 mil pessoas, todas descendentes de africanos escravizados. Esse povo viveu mais de 200 anos isolado do mundo sem o contato com a educação formal, mas tinha seus conhecimentos tradicionais. Esse tempo de isolamento foi perfeito para manter suas culturas e tradições. Dentro do quilombo Kalunga existem aproximadamente 60 comunidades que ali vivem nos dias de hoje, sendo que as maiores comunidades são: Vão de Almas, Vão do Moleque, Ribeirão dos Bois, Tinguizal e Engenho II, nas quais a alimentação é bastante saudável. Muitos Kalungas chegam a viver mais de 100 anos de idade. (MOREIRA, 2019, p. 20).

A Comunidade Quilombola Kalunga Vão de Almas está situada no município de Cavalcante, a 76 km de distância da área urbana. O acesso à comunidade não é dos melhores, pois para chegar ao local é necessário passar por uma serra onde só é possível subir carro traçado, motos ou mesmo montado (burro ou cavalo). A comunidade é formada por cerca de 215 famílias, cerca de 1.750 pessoas (COSTA, 2013).

Segundo o autor, a aceitação das pessoas que antes não se assumiam como quilombolas mudou muito. Antes os mais velhos não queriam ser chamados assim, pois tinham medo de voltar à escravidão. Quanto aos jovens, muitos deles temiam por causa dos preconceitos que sofriam por se identificarem como Kalunga. A percepção que temos é de que, atualmente, a maioria sente orgulho de sua cultura e tradição, se autodenominando Kalunga.

Ilustração 1 - Planta Kalunga que originou o nome do quilombo



Fonte: Sulene Francisco Pereira (2023).

O nome Kalunga possui vários significados, mas a origem dele, segundo a comunidade, está relacionada com o nome de uma planta do cerrado encontrada em diversas partes do quilombo. Geralmente, nas margens dos rios e nos vãos de serras.

Herdamos uma rica cultura e um modo de viver bem preservado sem haver desmatamento, a não ser em razão das roças: os rios com águas limpas e que não secam no decorrer do ano, muitas nascentes e brejos. Assim, na maior parte do ano é possível pegar água potável dos córregos que correm próximos às casas.

O Vão de Almas é uma comunidade tradicional com muitos saberes e fazeres. Antigamente o plantio era feito somente com sementes crioulas para a sobrevivência da comunidade. As famílias ainda plantam mandioca, feijão, arroz, milho, mandioca, gergelim e abóbora; compram alguns produtos na própria comunidade, como o jiló, o tomate, o quiabo, e o pepino; e também compram outras coisas na cidade como óleo de soja, sal, macarrão, alho, trigo, fubá de milho, extrato de tomate e às vezes carne de bovina. Outras famílias vendem a farinha produzida da mandioca, o óleo do coco e o óleo de gergelim para pessoas na cidade para poder comprar os outros alimentos e também para a comunidade.

Segundo relato de alguns moradores da comunidade, antes os alimentos eram todos produzidos aqui mesmo na comunidade, o único alimento que ainda comprava fora era o sal. As pessoas tinham muita dificuldade para ter acesso à cidade, as viagens demoravam longos períodos, eram feitas a cavalo e muitas vezes a pé mesmo, com sacos de mercadorias nas costas para trocar por sal.

O sabão também era produzido na comunidade, com uma fruta chamada de tingui, eles colhiam essa fruta descascava ,colocava na água para tirar a pele e colocava para ferver junto com a *dicuada* que era extraída da cinza da maniva da mandioca e do pé de gergelim. As roupas, as cobertas, as bolsas entre outros pertences também eram produzidos na comunidade.

Apesar de ser possível perceber a diminuição de algumas tradições, por exemplo o uso de remédio e chás caseiros, pois muitas pessoas têm deixado de utilizar as plantas medicinais (as raízes, as folhas como remédio ou chá caseiro), preferindo comprar os remédios na farmácia da cidade; a não participação de algumas pessoas em ritos ou festejos religiosos etc., ainda assim muitas outras pessoas têm mantido as tradições, por isso o interesse da pesquisa em investigar sobre os benzimentos na comunidade.

### **3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

A presente pesquisa traz a Educação do Campo como base teórica, tendo em vista a concepção de uma educação humanizadora, libertadora e igualitária. É um campo do saber que tem suas bases nos movimentos sociais, que mantém um vínculo com a realidade e a vida das populações do campo.

Como estudante e pesquisadora quilombola Kalunga, foi possível ampliar a consciência a respeito das questões que envolvem a superação das desigualdades e problemas sociais pelas quais passam, historicamente, os sujeitos do campo, assim com a importância de se valorizar ainda mais a cultura e a identidade das comunidades tradicionais.

Teoricamente este estudo está embasado em trabalhos voltados aos saberes tradicionais, a exemplo de Nery (2006), que faz uma abordagem sobre as rezas, renças, simpatias e benzeções; Saraiva (2012), os saberes tradicionais da Chapada dos Veadeiros; Dias et al. (2017), que trata dos saberes e fazeres das bezendeiras da Comunidade Kalunga do Prata Goiás; entre outras pesquisas que mantêm relação com a Educação do Campo e, de modo específico, as vivências da tradição kalunga.

Nesse sentido, as rezas de benzimentos na comunidade exprimem a nossa fé de livramento dos males e de preservação da vida através de um diálogo ritualizado. É uma renovação da esperança entre o vivido, o imaginado e o sonhado, entre o bem e o mal.

#### **3.1 Educação do Campo**

Iniciaremos a abordagem sobre Educação do Campo, partindo da ideia e do princípio da luta por direito e igualdade dos povos que vivem no campo.

A concepção de escola do campo nasce e se desenvolve no bojo do movimento da EDUCAÇÃO DO CAMPO, a partir das experiências de formação humana desenvolvidas no contexto de luta dos movimentos sociais camponeses por terra e educação. (MOLINA; SÁ, 2012 p. 326).

Aqui podemos perceber o papel da Educação do Campo. Ela surge a partir de um movimento de luta pela garantia, a princípio do direito ao acesso às terras e, por conseguinte, a uma educação escolar nesse território.

Ela se coloca numa relação de antagonismo às concepções de escola hegemônicas e ao projeto de educação proposto para a classe trabalhadora pelo sistema do capital. O movimento histórico de construção da concepção de escola do campo faz parte do mesmo movimento de construção de um projeto de campo e de sociedade pelas forças sociais da classe trabalhadora, mobilizadas no momento atual na disputa contra hegemônica. (MOLINA; SÁ, 2012, p. 326-327).

Nesse sentido, a Educação do Campo é uma política de ação afirmativa que se constitui como direito dos povos tradicionais a lutarem por um novo projeto de vida e de sociedade. A Educação do Campo reúne assim um conjunto de outros direitos vinculados não apenas ao acesso à terra e aos projetos de educação escolar, mas também a um contexto político, econômico, social e cultural.

Assim, a concepção de educação e de escola do campo tem raiz no processo histórico da luta da classe trabalhadora pelo direito à educação escolar para os sujeitos do campo, que permanecem nessa luta.

A Educação do Campo reflete um fenômeno da realidade brasileira que estamos vivendo, respectivamente devido às organizações dos trabalhadores rurais na luta pela transformação social. Com isso, percebemos que esses embates são questões de legado de compromisso com a juventude desse país, tomadas a cultura, a realidade o conhecimento tradicional e, sobretudo, o trabalho como princípio e base da formação humana. (CALDART, 2012 apud CUNHA, 2015, p. 27).

A Educação do Campo busca então superar o desafio de desenvolver uma formação integrada a um projeto político de transformação social diferente e inovador, liderado coletivamente pelos sujeitos do campo e por toda a classe trabalhadora.

[...] ela não nasceu de teorias, mas sim das práticas de trabalho e organização dos sujeitos que atuam no campo, da vida humana misturada com a Terra, com soberana produção de alimentos saudáveis, com relações de respeito à natureza e, sobretudo, da luta contra a escravidão, enfrentada pelos movimentos camponeses. Assim, o modo de pensar em como fazer uma escola no campo e do campo tem nos desafiado, enquanto camponeses, a ocupar e permanecer naqueles espaços, a fim de realizar o sonho remontado vindo da antiguidade que é o direito “ao Território e” a educação básica de qualidade. (CUNHA, 2015, p. 29).

Com isso é possível entender a relação profunda e a história da criação da Educação do Campo e a sua importância na formação humana dos sujeitos na vida, buscando que estes tenham condições de atuarem na sociedade livres exercendo a cidadania e contribuindo para um mundo cada vez mais igual.

Partindo dessa materialidade, a Educação do Campo, nos processos educativos escolares, busca cultivar um conjunto de princípios que devem orientar as práticas educativas que promovem – com a perspectiva de oportunizar a ligação da formação escolar à formação para uma postura na vida, na comunidade – o desenvolvimento do território rural, compreendido este como espaço de vida dos sujeitos camponeses. (MOLINA e SÁ, 2012, p. 329)

A partir destas concepções é que podemos entender o tamanho do desafio e da nossa responsabilidade enquanto sujeitos do campo, quilombolas e demais grupos étnicos e sociais frente ao cenário do desmonte das políticas e de direitos que vivenciamos nos últimos anos.

Tecemos aqui uma consideração de que é também sujeito do campo aquele que tem tomado consciência de luta contra hegemônica e pensado no campo como espaço de formação do sujeito social. Esses episódios, brevemente relatados, sobre a historicidade do trabalho camponês caracteriza, em parte, o que é de fato Educação do Campo e seus objetivos. (CUNHA, 2015 p.29).

Desse modo, a educação do Campo é uma das mais importantes ferramentas de luta dos sujeitos do campo, de renovação das esperanças para se conquistar os direitos sociais e culturais. Compreendemos na seguinte perspectiva:

Direitos pode ser definidos como poderes/deveres que refletem as necessidades de homens e mulheres dentro de uma sociedade determinada, que ora podem recair sobre bens materiais (direito de propriedade) ou sobre aspectos da personalidade (direito ao nome), Podendo ainda referir-se a princípios humanos dignidade da pessoa humana). (PONTES, 2012, p. 726).

Assim, os povos do campo são aqueles que vivem no e do campo, incluindo os povos originários. Todos estes possuem uma cultura singular e vivem num espaço social ou num território físico que permanece ameaçado pelos interesses capitalistas.

### **3.2 Diretrizes da Educação Escolar Quilombola**

Outro aspecto de importância para a fundamentação do trabalho diz respeito à Educação Escolar Quilombola. Para isso, temos como referência Resolução CEB/CNE nº 08/2012, que trata das Diretrizes Curriculares para a Educação Escolar Quilombola. Esta mantém relação com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9394/1996.

Outro importante marco legal são as leis:

- a) Lei 10.639/2003: que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira";
- b) Lei 11.645/2008: que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena".

Conforme o Parecer publicado no Diário Oficial da União de 20/11/2012, Seção 1, Pág. 8, a elaboração das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola deve considerar que:

A Educação Escolar Quilombola é desenvolvida em unidades educacionais inscritas em suas terras e cultura, requerendo pedagogia própria em respeito à especificidade étnico-cultural de cada comunidade e formação específica de seu quadro docente, observados os princípios constitucionais, a base nacional comum e os princípios que orientam a Educação Básica brasileira. Na estruturação e no funcionamento das escolas quilombolas, deve ser reconhecida e valorizada sua diversidade cultural. (PARECER CNE/CEB Nº:16/2012).

Também a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional trata do assunto no seu Artigo 1º: “a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais”. (BRASIL, 1996, p. 8).

Dessa maneira, a Resolução 08/2012 estabeleceu os princípios da Educação Escolar Quilombola, os quais subsidiam a importância dessa investigação sobre a cultura e a tradição kalunga referente aos saberes e fazeres dos benzimentos da comunidade Vão de Almas. Tais princípios são definidos no artigo 7º das páginas (5-6) da Resolução Nº 8, de 20 de novembro de 2012:

- I - Direito à igualdade, liberdade, diversidade e pluralidade;
- II - Direito à educação pública, gratuita e de qualidade;
- III - Respeito e reconhecimento da história e da cultura afro-brasileira como elementos estruturantes do processo civilizatório nacional;
- IV - Proteção das manifestações da cultura afro-brasileira;
- V - Valorização da diversidade étnico-racial;
- VI - Promoção do bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, credo, idade e quaisquer outras formas de discriminação;
- VII - Garantia dos direitos humanos, econômicos, sociais, culturais, ambientais e do controle social das comunidades quilombolas;
- VIII - Reconhecimento dos quilombolas como povos ou comunidades tradicionais;
- XIX - Conhecimento dos processos históricos de luta pela regularização dos territórios tradicionais dos povos quilombolas;
- X - Direito ao etnodesenvolvimento entendido como modelo de desenvolvimento alternativo que considera a participação das comunidades quilombolas, as suas tradições locais, o seu ponto de vista ecológico, a sustentabilidade e as suas formas de produção do trabalho e de vida;
- XI - Superação do racismo – institucional, ambiental, alimentar, entre outros – e a eliminação de toda e qualquer forma de preconceito e discriminação racial;
- XII - Respeito à diversidade religiosa, ambiental e sexual;
- XV - Superação de toda e qualquer prática de sexismo, machismo, homofobia, lesbofobia e transfobia;
- XVI - Reconhecimento e respeito da história dos quilombos, dos espaços e dos tempos nos quais as crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos quilombolas aprendem e se educam;
- XVII - Direito dos estudantes, dos profissionais da educação e da comunidade de se apropriarem dos conhecimentos tradicionais e das formas de produção das comunidades quilombolas de modo a contribuir para o seu reconhecimento, valorização e continuidade;
- XVIII - Trabalho como princípio educativo das ações didático-pedagógicas da escola;
- XIX - Valorização das ações de cooperação e de solidariedade presentes na história das comunidades quilombolas, a fim de contribuir para o fortalecimento das redes de colaboração solidária por elas construídas;
- XX - Reconhecimento do lugar social, cultural, político, econômico, educativo e ecológico ocupado pelas mulheres no processo histórico de organização das comunidades quilombolas e construção de práticas educativas que visem à superação de todas as formas de violência racial e de gênero. (BRASIL, 2012, p. 5-6).

Todos esses documentos nos dão subsídios legais e direcionam caminhos para a implementação de uma educação que dialogue, respeite, reconheça e valorize a cultura dos povos do campo, comunidades tradicionais e povos indígenas.

### 3.2.1 Quilombolas e quilombos

O conceito de “quilombola” está relacionado à historicidade de sujeitos enquanto coletivo ou um grupo social que buscava em outro território, afastado da opressão e da escravidão a sua sobrevivência.



*Quilombolas* ou *calhambolas* tornaram-se identidades de mulheres e homens negros africanos e afrodescendentes que se insubordinavam em relação à ordem colonial no território Brasil, fugindo das fazendas escravistas ou outras unidades de produção e refugiando-se em áreas de difícil acesso. Nesses locais, constituíram seus novos *territórios* – os *quilombos* –, abertos a todos os segmentos oprimidos da sociedade e organizados em permanente estado de defesa e com base nas atividades familiares de produção destinadas preferencialmente à subsistência: agricultura, pesca, caça, coleta e outras formas de extrativismo. (FERREIRA, 2012, p. 648).

Este território formado por homens e mulheres que passaram a preservar suas tradições, pessoas guerreiras que se espalharam pelos locais mais recônditos no Brasil. Nesse caso, essa denominação quilombola passou a designar homens e mulheres africanos e afrodescendentes que se rebelavam diante da sua situação de escravizados.

Essas particularidades históricas, culturais e sociais comprovam a presença dos grupos em seus territórios e constituem elementos representativos da resistência negra. Ademais, fundamentam a organização étnica quilombola ante o Estado brasileiro, exigindo-lhe políticas de reparação em relação ao processo que lhes foi imposto de escravização, desterritorialização, exploração e discriminação. (FERREIRA, 2012, p. 650).

Com tudo isso, os quilombolas foram se adaptando aos vários lugares, formando suas comunidades, criando seus costumes saberes e fazeres de acordo com seu modo de vida. Com o fim do sistema escravista, o termo quilombola foi passando por releituras e adquirindo outros significados, por exemplo, sujeito de direitos como resultado da luta e conquista do movimento negro e dos movimentos sociais do campo.

Segundo Silva (apud MOURA 2007) esses quilombolas formaram as comunidades Kalunga, localizadas nos três municípios de Goiás: Teresina, Monte Alegre, e Cavalcante. No começo, para esses remanescentes quilombolas continuarem com sua liberdade tiveram que aprender a viver na Chapada, no Cerrado, por isso precisavam conhecer bem melhor sobre a natureza e identificar quais eram as plantas medicinais, observar as épocas da chuva e seca.

### 3.2.2 Povos e comunidades tradicionais

Na comunidade Kalunga Vão de Almas, os quilombolas vêm de uma origem simples, as pessoas da comunidade gostam de cultivar a terra, celebrar seus

costumes e vivenciar os saberes de seus antepassados. Os membros desse território se relacionam diariamente com a natureza, plantando e colhendo em suas roças e em seus quintais. Muitas casas ainda são feitas com madeira, palha, barro, tudo retirado da própria localidade. Entendemos que essa maneira de viver da terra e com uma forma muito específica de retirar seu sustento da natureza e com suas tradições caracteriza os Kalunga como uma comunidade tradicional.

É nesse contexto que emergiu o uso dos termos “povos e comunidades tradicionais” para nomear, identificar e classificar uma diversidade de culturas e modos de vida de um conjunto de grupos sociais que, historicamente, têm ocupado áreas agora destinadas à preservação e à conservação ambiental. (CRUZ, 2012, p. 597).

Na comunidade, os mais velhos têm cuidado para que muitos costumes permaneçam, por exemplo, o cuidado com os festejos, as folias, as rezas, os benzimentos etc. Esses também são elementos que distinguem ou revelam a identidade e a cultura de determinada comunidade. Nesse sentido, a Educação do Campo tem como pauta a luta pelo reconhecimento dos direitos culturais dos povos e comunidades tradicionais.

## 4 ANÁLISE

Este tópico apresenta o resultado das entrevistas realizadas aos colaboradores da pesquisa, assim como a oficina realizada com os alunos da escola localizada no Vão de Almas, conforme já mencionado nos procedimentos metodológicos. A seguir, temos as perguntas e os relatos resultantes do roteiro de entrevista.

A primeira questão trata dos conhecimentos gerais sobre benzimento: *Quais são os benzimentos que o senhor/a senhora sabe ou já ouviu falar aqui na comunidade?*

**Entevistado Jaci Pereira Dias:** Aqui na comunidade eu que eu sei... é benzimento mermo né? É dor de barriga, dor de dente, dor de cabeça de sol, espinhela, peito aberto, vento caído, vento virado, estanca sangue, carne quebrada.

**Entrevistada Irene Francisco da Conceição:** Tô com 56 ano, nascida e morada aqui na comunidade e moro inté hoje aqui e não tem muita vontade de sair daqui pra morar em outro lugar não. Tem vontade de meus afinale ser aqui aonde eu nasci e fui criado. Uá, os benzimento que eu sei, sei binzimento de queimadura, sei binzimento de trem na guela, espinha na guela. Aqui o que eu já ouvi falar, tinha bizimento de parição quando a mulher ia ganhar minino. Eu sei também de parição um pouco, e tem outros que eu ouvi falar que eu não aprendi.

É possível perceber que os benzimentos são uma prática utilizada para a cura dos males que atingem o corpo e a alma, ou seja, no momento de necessidade se busca uma benzeção para curar.

Apesar dos avanços da medicina, a tradição dos benzedores e das benzedadeiras ainda persiste na nossa comunidade conforme demonstrado na resposta às perguntas seguintes: *Você acha importante o uso dos benzimentos na comunidade?*

**Entevistado Jaci Pereira Dias:** Eu acho importante, eu mermo aqui já tem epa de eu sair daqui de madrugada, vem atrás de mim eu não posso negar.

**Entrevistada Irene Francisco da Conceição:** Eu acho importante, porque benze e seive. Eu acho muito importante, porque fortalece a cultura, igual muitas das vezes, que nem meu pai ai tinha uma mulher morando ai uns 400 [quilômetro] longe, mas sabia que meu pai era benzedor, a mulher tava lá passando mal pra ganhar uma criança, ele ia ou se não, ele benzia de ca, ele pedia licença a estrada pro benzimento chegar la onde a mulher tava, até o ponto que meu pai alcançava a mulher nesse estado, ela ganhava menino. Agora quando já vinha passado da hora, porque tinha dela, que já

vinha já tava quase morrendo, ai não tinha mais jeito, mas se vince logo, a mulher tá passando mal tá, com três dias com dor, podia ir atrás do meu pai, que ele benzia e a mulher ganhava a criança, então era muito importante.

Um aspecto importante é que o benzedor e benzeadeira colocam seus saberes à serviço da comunidade e de outras pessoas de fora, de maneira gratuita, buscando colaborar com aquilo que possuem, uma sabedoria aprendida dos antepassados.

Cada benzedor tem a sua própria forma de benzer, porque a cada um foi dado um dom para curar. Um dom que se traduz na fé, aprendida com seus antepassados e de onde aprenderam a ver o mundo que os cerca. Rezadores, benzedores e curadores estabelecem com a comunidade um sistema próprio de comunicação que está além da comunicação oficial da mídia de massa, através de seus cantos, gestos, rezas e orações, que refletem vigorosamente a mais pura expressão das classes menos cultas e mais carentes da população. (NERY, 2006, p. 2).

A comunidade procura cultivar essa saberia a partir das suas próprias experiências ou vivências ao longo dos tempos, de tal modo que os atuais benzedores e benzeadeiras também já recorreram a um auxílio no momento de doença ou mal-estar, ou seja, recorrendo à benzeção: *Você já foi curado com algum benzimento?*

**Entrevistado Jaci Pereira Dias:** Eu já, graças a Deus, num é só uma nem duas vezes não, tava sentindo essas coisa minha fia, sentido dor de dente, dor de cabeça e dor de barriga.

**Entrevistado Irene Francisco da Conceição:** Eu já fui curada porque que nem memo de parição, tava ai sem pari, sem terminar de pari, meu pai benzeu e eu terminei de pari, já coloquei espinha na guela fiquei um tempo ai com espinha na guela, aí quando benzeu que a espinha saiu, já fui queimada, benzia também e eu achava que brandava mais a dor .

A falta de um hospital, a distância da comunidade para se chegar aos municípios vizinhos que possuem uma unidade de saúde, tudo isso pode ser considerado, mas o principal é que os moradores do Vão de Almas acreditam no poder da reza ou benzeção feita pelo benzedor ou pela benzeadeira para a cura de sua doença ou um alívio para a sua dor.

Na religiosidade popular, quem trata o doente são os benzedores mas qualquer cura é uma obra de Deus pois foi “o próprio Jesus quem ensinou as orações.” Boa parte delas serve para curar doenças. Muitas para o quebranto. Outras tantas para engasgo, dor de pontada, cobreiro, dor dente

e muitas outras. [...] A fé na cura, que é um dom divino, a fórmula da benção e a confiança da comunidade naquele que benze são os três elementos essenciais para compreender o povo e o benzedor. (NERY, 2006, p. 3).

A próxima pergunta buscou compreender se um benzimento é feito de forma geral para várias doenças ou males ou se para cada necessidade tem de ser feito uma benzeção específica para aquilo: um benzimento pode ser feito para mais de uma precisão?

**Entrevistado Jaci Pereira Dias:** Nenhum seve pra outro, so aquilo mesmo, igual o remédio, o que serve pra dor de barriga ele não serve pra dor de cabeça, cada um pra cada um. Cada um tem as alturas, de dor de cabeça é de dor de cabeça, de tira solo é de tirar solo, estanca sangue é estanca sangue, di dor de barriga é dor de barriga, de peito aberto é de peito aberto, vento caído é de vento caído, de vento é de vento virado espinhela é de espinhela, cada um tem as altura e cada um é de um, não pode bagunçá.

**Entrevistado Irene Francisco da Conceição:** Benzimento nenhum serve pra mesma coisa, cada uma coisa é um benzimento, um benzimento de quebranto não vai valer pra um de queimadura nem o de queimadura vai valer pro de parição, o de parição não vai valer pro estacamento de sangue e cada benzimento tem suas palavras .

Aqui, percebe-se a diversidade de conhecimentos que os sujeitos quilombolas possuem, a riqueza com que esses conhecimentos se fazem presentes na afirmação da sua identidade. De acordo com Nery (2006, p. 7), “na crença popular, a benzeção, ou simplesmente a benção, é um ritual de cura. Há benzeções para doenças específicas e outras que servem para qualquer doença”.

No caso dos relatos dos dois entrevistados, houve um destaque para a existência de um benzimento específico para cada doença. É importante destacar que nesse caso, “a religiosidade faz parte do cotidiano de grande parte dos idosos do campo, que mantêm suas crenças, seus valores pessoais, sua espiritualidade, sua cultura” (DOLL, 2012, 410).

Ilustração 2: Benzedor da comunidade Kalunga Vão de Almas



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora (2022).

A imagem acima retrata um momento em que um benzedor da comunidade Kalunga Vão de Almas, o senhor Rozar, faz um benzimento em um “cordão de zói” para mim (a pesquisadora), porque fui esporada por uma arraia no mês de março de 2023. Esse episódio demonstra como essa prática da benzeção está presente em nosso dia a dia. São vários casos de acidente com ferrão de arraia em nossa comunidade. A maioria dos casos de cura é feita com o uso das plantas medicinais e também do benzimento.

Outra pergunta feita aos colaboradores foi em relação ao repasse ou transmissão desse conhecimento da benzeção: *Com quem você aprendeu a benzer? Como?*

**Entrevistado Jaci Pereira Dias:** Aprendi a benzer mais meu sogro, minha avó, minha mãe, meus tios também, porque tinha uns quatro que me ensinou, uá preni de cor mermo, é as veiz me ensinava, mas eu não fiz copa de nada, a copa foi a ideia mermo.

**Entrevistado Irene Francisco da Conceição:** Eu aprendi com meu pai, eu via ele benzendo e chegou em ponto de ele me benzer quando eu tava parindo eu via ele benzendo, nunca tinha terminado, ele benzendo e mandando eu falar, proque a gente fala e manda a pessoa que tá ali com dor falar também, ai a pessoa vai fala. Aí que ele foi fazendo comigo e eu aprendi. E benzimento de queimadura foi meu ex-marido que me ensinou, eu não sabia aí eu vi ele benzendo, procurei ele como é que era, aí ele foi e me ensinou, eu aprendi. E de espinha na guela aprendi com meu pai também que naquele tempo pegava um peixe, botava espinha na guela, meu pai sabia benzer. Ele ia lá e benzia, e falava oh os meninos eu vou ensinar pra vocês meus fi, que eu não vou ficar aí toda vida, ces tem que aprender, aí então ele ensinava nós e nos aprendeu. Eu pelo menos aprendi, não aprendi tudo que ele sabia, mas aprendi um pouco.

Destacamos, novamente, como esses conhecimentos são repassados de geração para geração por meio das vivências e da oralidade. Por isso, compreendemos que o conhecimento da benzenção integra um outros saberes e fazeres que fazem parte da cultura local.

A transmissão oral é o mecanismo utilizado para manter a tradição dos usos das plantas do cerrado. Essa transmissão garante o uso coletivo e compartilhado da tradição. O universo cultural que foi se elaborando a partir das experiências vividas no e com o cerrado gerou um “campo especializado de saberes”, traduzido na experiência acumulada do pai ou da mãe, e que é transmitida aos filhos. Constitui-se, assim, uma “rede de conhecimento” cujas informações que cada um possui são repassadas para o outro. (SARAIVA, 2012, p. 212).

Tendo em vista a preocupação sobre como os saberes e fazeres da comunidade kalunga têm sido transmitidos de uma geração a outra, as duas próximas perguntas foram realizadas aos colaboradores: *Atualmente como você vê a utilização dos benzimentos na comunidade? Pode ocorrer o enfraquecimento dos benzimentos aqui na comunidade?*

**Entrevistado Jaci Pereira Dias:** Uá, diminuiu praque os que sabia vai acabando e o juventude não faz força de aprender, mas precisa todo dia e toda hora dos que sabe. Mia fia tem coisas que o hospital não dá volta de maneira nenhuma. Uai é praque tá parando é porque tem muitos que acredita e outros num acredita.

**Entrevistada Irene Francisco da Conceição:** Diminuiu praque ninguém tá benzendo mais como binzia, eu mesmo não estou benzendo, nem mulher parindo mais, nem um benzimento de trem na guela, tudo vai é pra cidade, vai tentar tirar é lá. Pode enfraquecer praque ninguém tá mais benzendo essas coisas, igual espinha na guela ninguém tá mais benzendo, mulher tá ganhando menino e não tá mais ganhando aqui na roça, tá ganhando no hospital, ai vai enfraquiando praque como que cê vai benzer uma mulher sendo que ela não ganhou menino aqui, ela ganhou foi pra lá.

Na percepção dos dois colaboradores, que são pessoas mais idosas e experientes da comunidade, há uma diminuição da procura pelo benzimento por parte das gerações mais novas. O próprio acesso aos hospitais, a maior permanência na cidade podem ser vistas como aspectos que têm influenciado nessa diminuição.

De qualquer forma, como integrante da comunidade e nas observações, posso afirmar que esses saberes se fazem presentes, mas certamente temos um momento de distanciamento por parte das novas gerações e, conseqüentemente, uma diminuição na prática do benzimento.

Justamente por isso, foi feita essa outra pergunta: *Você considera que os jovens estão aprendendo os benzimentos?*

**Entrevistado Jaci Pereira Dias:** Não, porque tem uns que têm interesse de aprender, e outros não. Tem deles que tira até a copa, e aprende e tá na hora de aprender.

**Entrevistada Irene Francisco da Conceição:** Ninguém tá aprendendo não, o povo hoje não faz capricho não. Eu mesmo muita coisa que meu pai sabia e ensinava eu. A gente era criança não fazia importância de aprender. Aí com o tempo que a gente vai caindo na realidade que a ideia vai chegando mais... eu mesmo já arrependi tanto de muitos benzimentos que meu pai sabia e eu não aprendi, e ele me ensinou, eu não aprendi. Hoje eu sinto repêndida, então é o que vai acontecer com os de hoje, porque muitos deles não quer aprender, né. Eu falo que não quer porque difícil um jovem pra hoje benzer uma criança, uma criança tá morrendo de quebranto nas tripas, aí ninguém benze, pega uma criança dessa vai passando mau lá pra cidade pensando que é outra coisa. E o que tá matando ele é um quebranto que já tá na tripa, aí pode benzer, benze a criança, benze uma água. Benze um leite de peito, se ele tiver mamando da a criança, então vai tirar aquela coisa ruim que esta dentro dele pra fora, então ninguém tá aprendendo essas coisas .

Ao observamos estas duas questões acima e de acordo com os relatos dos entrevistados, nos chama a atenção do ponto de vista de como os saberes em relação aos benzimentos estão dia a dia se perdendo. Primeiramente, porque os guardiões da memória oral estão indo e com eles levando tudo aquilo que sabem. Segundo, porque ainda não estamos conscientes o bastante do valor desses saberes e da importância da oralidade como fonte de transmissão e aprendizagem entre as gerações.

Por outro lado, o colaborador Jaci Pereira afirma que “tem deles que tira até a copa, e aprende”. Isso quer dizer que muitos aprendem com facilidade, conseguem



assimilar o que é passado. O que se espera é que esses jovens passem a utilizar esses saberes e colocar a serviço da comunidade também.

Com base nas entrevistas e anotações, seguem alguns dos benzimentos citados pelo benzedor Jaci Pereira:

### **Benzimento para dor de dente**

Como o sol sai do nascento  
e a lua entra do puento  
Deus mesmo quem te livra  
dessa grande dor de dente.

### **Benzimento para dor de barriga**

Água fria correntina  
corre o dia corre a noite  
corre no enpino do meio dia  
com o que que estanca essa dor de barriga?  
com três Ave Maria.

### **Benzimento para queimadura**

Capeta quando viu nosso senhor  
chega di mudou de cor  
com água não tem ardumo  
fogo não tem calor  
Santíssimo Sacramento que branda essa dor.  
essa ai é de fogo.

### **Benzimento para dor de cabeça, quebranto e mau olhado**

Jesus teve três filhos  
todos três bem criado  
eu benzo de dor de cabeça de meu fio  
de quebranto e mau olhado (dizer três vezes) .

A benzedeira Irene Francisco também citou alguns benzimentos do conhecimento dela. O de queimadura começa assim: pega um tição de fogo e vai benzendo com o tição de fogo e derramando a água no tição, aí fala:

Capeta quando viu nosso senhor  
 chega di mudou di cor  
 com magoa num tem adurmo  
 com fogo não tem calor,  
 Santíssimo Sacramento  
 é quem branda essa dor (fala três vezes).

O outro benzimento citado por ela foi o de espinha na guela:

Homem bem, mulher mau  
 jesus cristo mandou falar  
 espinha ou sobe ou desce  
 ou procura seu natural (fala três vezes)

E por último, tem também o de parição, que é feito quando a mulher já está parindo a criança, mas não terminou de parir todo:

Minha Santa Margarida  
 eu não tô prenha nem parida,  
 Tô de parto pro parir (repete três vezes)

Além do registro dos benzimentos citados, também perguntamos sobre o que é utilizado no momento da benzeção: *Quais são os materiais utilizados na prática dos benzimentos?*

**Entrevistado Jaci Pereira Dias:** Uá, tem binzimento que você pode benzer de uma rama, [outros] é com faca, [outros] é igual o de tradição de malineza [que] é com esse chá de frade e aroeirinha. Agora já de quebrante é de bassurinha [vassourinha]. Agora de fogo é com tição de fogo também.

**Entrevistada Irene Francisco da Conceição:** De queimadura é um tição de fogo e um copo de água. De parição é com a mão mesmo e o de espinha na guela é com o dedo, sempre fazendo o sinal da cruz.

Quando se fala de materiais utilizados nas práticas dos benzimentos, notamos como estes sujeitos têm um respeito e um contato direto com a natureza. Por exemplo, as plantas que são utilizadas no benzimento: frade, aroeirinha e vassourinha, que são comuns na comunidade Vão de Almas.

As experiências dessas moradoras revelam que a natureza se transforma em cultura. Os relatos de cada uma narram de modo prático como a biodiversidade do cerrado também tem uma dimensão cultural. Demonstram que o cerrado é parte de suas vidas e que tem sua expressão no cotidiano, na utilização medicinal das plantas ou no aproveitamento das plantas úteis, que fornecem a madeira para a construção, a lenha, os frutos comestíveis, a resina, os óleos, o sabão, as bebidas, as tinturas, entre outros usos. (SARAIVA, 2012, p. 212).

Este respeito se dá na proteção e na extração equilibrada de elementos da natureza que são utilizados na produção de remédios e que possam acompanhar as práticas de benzimentos.

Ilustração 3: Planta bassorinha (vassourinha)



Fonte: Arquivo da pesquisadora (2022)

Vale ressaltar que o ato de benzer não se restringe a um conhecimento isolado, mas na sua relação com outros saberes e fazeres que formam uma rede de interação na constituição da identidade Kalunga.

Isso nos mostra a importância de se registrar esses saberes no contexto escolar e acadêmico, levando esse assunto para nossas escolas quilombolas e dialogando com os mais jovens sobre essas tradições que fazem parte da nossa identidade.

Por isso, fizemos esta última pergunta aos colaboradores, levando em consideração a opinião deles sobre esses conhecimentos serem passados na escola da comunidade: *Você acha importante estudar sobre os benzimentos na escola?*

**Entrevistado Jaci Pereira Dias:** eu acho importante, é importante porque a pessoa tem saída e tem salvação [...] isso aí tudo é por Deus. Uá, é bom e é importante. Aprende, uai, porque tem muito que tem interesse, é porque tem muitos que curia e aprende mia fia, e tem [outros] que nem prendi e ainda bagunça o oto [outro] que sabe, mas seu quiser ensinar e num aprender se eu fechar a mão e ensinar não aprende nem um pé.

**Entrevistada Irene Francisco da Conceição:** É muito importante isso, porque muito [...] às vezes a gente tem quatro filho, no meio de quatro só um que aprende, mas é porque ele tem interesse. É igual um benzimento desse na escola, a escola é lotada de criança, mas vai ensinar, muitas crianças aprende e muitos não aprende, é o interesse que não tem, porque quem tem interesse [aprende]. Eu mesmo, não tem litura nenhuma, porque meu pai não deixou estudar, mas tinha a mimora, aprendi na mimora, mas hoje tá fácil, que tem a mimora e tem o telefone, tem a caneta e tudo. Quem é interessado fazer, ele anota ali, e depois ele vai aprende.

Estes relatos demonstram a preocupação dos mais velhos da comunidade com a transmissão dos conhecimentos dos antepassados e mostra o compromisso que a escola quilombola deve ter com as tradições, com a cultura e a identidade local. Isso vai em direção ao que consta nas Diretrizes para a Educação Quilombola. Por isso realizamos também a roda de conversa com os alunos da escola da comunidade.

Além de apresentar alguns pontos sobre a importância desse tema para a nossa comunidade, para a educação escolar, os estudantes construíram em grupo as perguntas que foram destinadas aos dois colaboradores (benzedor e benzedeira) da comunidade.

Ilustração 4: Roda de conversa (Escola Estadual Calunga I)



Fonte: Arquivo da pesquisadora (2022).

A imagem acima retrata uma roda de conversa com os alunos do 9º ano do ensino fundamental do Colégio Estadual Kalunga I (Extensão Santo Antônio) com o intuito de verificar o interesse e o domínio destes estudantes em relação aos benzimentos. O momento também foi oportuno para a elaboração a realização da entrevista com dois estudantes, que colaboraram sobre a percepção dos jovens a respeito dos saberes da comunidade.

Foi possível constatar na roda de conversa a pouca afinidade ou a falta de interesse dos jovens sobre o conhecimento dos benzimentos, pois nenhum dos estudantes participantes da conversa demonstrou ter o domínio de algum benzimento.

Estudos feitos em outras comunidades do território kalunga e em outras localidades do campo têm demonstrado essa preocupação. Por exemplo, em Dias et al. (2017), que trata dos *Saberes e fazeres quilombolas da Comunidade Kalunga do Prata de Goiás: as Benzedeiras, seus benzimentos e suas contribuições para a Educação do Campo*, temos:

Pode-se observar, que nessa comunidade há uma grande perda dos saberes. Isso ocorre também devido à saída dos jovens da comunidade que vão à procura de estudo e de melhores condições de vida, pois acreditam que, a comunidade já não lhes oferece. Os jovens que permanecem não sabem como dar continuidade a esse saber. E isso causa nas poucas benzedeadas que restam, uma preocupação, que é a perda desses conhecimentos. Ademais, os benzimentos como cultura tradicional e suas práticas precisam ser trabalhadas de alguma forma, para que esse conhecimento e aprendizado possam perpetuar por mais gerações. (DIAS et al, 2017, p. 70).

Nessa mesma direção, no artigo escrito por Saraiva (2012, p. 220), *Saberes, fazeres e natureza nas vozes de mulheres da Chapada dos Veadeiros-Goiás*, a autora destaca que “uma moradora chama atenção para as consequências do novo contexto: os mais jovens não se interessam pelo conhecimento que os mais velhos detêm”.

A pesquisa de Nery (2006), *Rezas, Crenças, Simpatias e Benzeções: costumes e tradições do ritual de cura pela fé*, realizada há mais de uma década já apontava essa preocupação por parte dos benzedores e benzedeadas, conforme consta em seu texto:

Para muitos benzedores, a tradição da benzeção está correndo o risco de acabar. A verdade é que hoje, já não é tão fácil encontrar benzedores, que geralmente vivem nos povoados rurais. Eles são pessoas de vida exemplar, servindo de referência para os moradores do lugar. Maria Januária diz que a benzeção está acabando porque as pessoas estão perdendo a fé. Dirce Aparecida acha que o dom de fazer o bem através da reza não está sendo repassado para outras pessoas. Para ela, não há interesse, nem de familiares nem de amigos, para aprender as rezas e os rituais das benzeções. Antônio Carlos Pereira, o Tônico, acha que os benzedores não estão encontrando os sucessores certos. O teólogo e historiador, José Lucindo Pinheiro, acredita que a tradição dos benzedores está acabando em função do avanço tecnológico que está sendo empregado sobretudo na medicina. (NERY, 2006, p. 14).

Este trabalho também demonstra que algo semelhante tem ocorrido em relação ao interesse e envolvimento das novas gerações na comunidade Vão de Almas. Por outro lado, os estudantes disseram que se relacionam com os benzimentos em casa com os familiares e na comunidade de forma geral, revelando que há interações que envolvem esses saberes no dia a dia dos jovens.

Desse modo, a preocupação dos anciãos e das anciãs é que as novas gerações não deixem se perder o que vem sendo preservado ao longo do tempo. Isso reforça mais uma vez o papel da escola em trabalhar numa perspectiva que

considere os saberes tradicionais, que amplie esses espaços de discussão e inclua no currículo os conhecimentos que circulam na comunidade.

É com essa preocupação que retornemos ao objetivo central deste trabalho, que é fortalecer a cultura e a identidade não somente por meio das práticas de oralidade dos benzimentos, mas também pelo registro escrito para que assim a escola possa ajudar na reconstrução e ressignificação das práticas de vida dos sujeitos quilombolas.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível dizer que os saberes presentes na prática ou vivência diária dos membros da Comunidade Kalunga Vão de Almas circulam de maneira natural, por meio da oralidade e das ações do dia a dia, algo que precisa ser considerado pela educação escolar, conforme tem apontado a Educação do Campo e a Educação Escolar Quilombola.

No caso dos conhecimentos relativos aos benzimentos, observamos a questão do respeito em relação aos elementos sagrados, a fé depositada na crença do catolicismo popular, fruto das experiências acumuladas e dos resultados positivos que ajudaram no bem-estar ou melhora de vários sujeitos em situação de problemas de saúde ou mal-estar espiritual.

Vimos também a preocupação dos mais idosos com o risco dos conhecimentos sobre benzimento (e outros saberes) se perderem nas gerações mais novas. Estes mestres também se colocam à disposição para colaborar no contexto informal, assim como no ambiente escolar, cabendo a nós estudantes, acadêmicos e pesquisadores buscar formas de ensino e aprendizagem para além das práticas de oralidade que tem caído em desuso pelos mais jovens na comunidade.

Conforme vimos em Nery (2006), o benzedor e a benzedeira não fazem propaganda de seu trabalho, isso quer dizer que os saberes em relação aos benzimentos não têm uma relação econômica para a comunidade, mas sim, um compromisso social e cultural. Assim, a recíproca a ser dada por todos aqueles que recebem gratuitamente os frutos desse trabalho é o respeito e a valorização desses sujeitos e de seus conhecimentos.

Vimos que os benzimentos não só podem fortalecer a identidade, mas é parte essencial da formação da nossa cultura, por isso é necessário ter consciência da responsabilidade das novas gerações, buscando formas de garantir que essa prática continue viva hoje e sempre.

Por último, a nossa perspectiva de análise mediante o que trouxe a pesquisa é a de que mesmo diante das fragilidades e das interferências que tem sofrido a nossa identidade com a pressão das culturas externas, é possível dizer que ainda temos uma riqueza incalculável de saberes e fazeres tradicionais, não somente em



relação aos benzimentos, mas de todas as práticas de culturas desenvolvida por nosso povo ao longo dos tempos.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. Conselho de Educação Básica/Conselho Nacional de Educação – CEB/CNE nº 08/2012. Diretrizes Curriculares para a Educação Escolar Quilombola.
- BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9394/1996.
- BRASIL. Lei 10.639/2003. Diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira".
- BRASIL. Lei 11.645/2008. Diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena".
- BRASIL. Parecer publicado no Diário Oficial da União de 20/11/2012, Seção 1, Pág. 8. Elaboração das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola.
- CALDART, Roseli Salete. (orgs). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.
- CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto** / John W. Creswell; tradução Magda Lopes; consultoria, supervisão e revisão técnica desta edição Dirceu da Silva. - 3. ed. - Porto Alegre : Artmed, 2010.
- CRUZ, Valter do Carmo. Povos e comunidades tradicionais. In: CALDART, Roseli Salete. (orgs). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.
- CUNHA, Adão Fernandes da. **Sustentabilidade Ambiental na Comunidade Kalunga Vão de Almas: uma pesquisa na perspectiva ecolinguística**. Brasília-DF, Faculdade UnB/FUP, 2015, 66p.
- CUNHA, Valdir Fernandes da. **Soberania e segurança alimentar na perspectiva dos jovens Kalunga da comunidade Vão de Almas**. 2018. 133 f., il. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável)—Universidade de Brasília, 2018.
- DIAS, Valquíria Fernandes et al. Saberes e fazeres quilombolas da Comunidade Kalunga do Prata Goiás: as benzedeadas, seus benzimentos e suas contribuições para a educação do campo. **Facit Business and Technology Journal** 55 2017; 2(1). Disponível em: <https://jnt1.websiteseuro.com/index.php/JNT/article/download/172/174>. Acesso em 18/02/2023.
- FERREIRA, Simone Raquel Batista. Quilombolas. In: CALDART, Roseli Salete. (orgs). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projeto de pesquisa**. 5ª Ed. São Paulo. Atos, 2010.

MOLINA, Mônica Castagna; SÁ, Lais Mourão. Escola do Campo. In: CALDART, Roseli Salete. (orgs). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

MOREIRA, Geovan dos Santos. **Desafios que os jovens kalunga da Comunidade Engenho II enfrentam para cursar o Ensino Superior**. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia). Licenciatura em Educação do Campo – LEdoC. Universidade de Brasília (UnB). 2019.

NERY, Vanda Cunha Albieri. **Rezas, Crenças, Simpatias e Benzeções: Costumes e tradições do ritual de cura pela fé**. Centro Universitário do Triângulo-Uberlândia/MG, 2006. Disponível em:  
<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/120415399193864084132347838529996558992.pdf>. Acesso em 23/01/2023.

PONTES, Maria Lúcia. Sujeitos coletivos de direitos. In: CALDART, Roseli Salete. (orgs). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

RUFINO, Luiz Gustavo Bonatto; DARIDO, Suraya Cristina. A pesquisa-ação como forma de investigação no âmbito da Educação Física escolar. **Anais IV SIPEQ – 2010**. ISBN – 978-85-98623-04-7

SARAIVA, Regina Coelly Fernandes. Saberes, fazeres e natureza nas vozes de mulheres da Chapada dos Veadeiros-Goiás. **História Oral**, v. 1, n. 15, p. 209-229, jan.-jun. 2012. Disponível em:  
<file:///C:/Users/usuario/Downloads/248-Texto%20do%20artigo-778-1-10-20121107.pdf>. Acesso em 15/02/2023.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2008.